SERMONES DEL PADRE
JUAN CARLOS CERIANI
Radio Cristiandad

Pe. Ceriani: Sermão para a Missa da Véspera de Natal

Do Pe. VerboVen, quarta-feira, 24 de dezembro de 2025

Missa da Véspera de Natal

Naqueles dias, César Augusto decretou que todo o mundo romano fosse recenseado.
Este foi o primeiro recenseamento, quando Quirino era governador da Síria. E todos iam para a sua cidade para se recensearem. José também subiu da Galileia, da cidade de Nazaré, para a Judeia, para Belém, cidade de Davi, porque era da casa e linhagem de Davi, para se recensear com Maria, sua esposa, que estava grávida. E, estando eles ali, chegou o tempo de ela dar à luz. E ela deu à luz o seu filho primogênito, e o envolveu em panos, e o deitou numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria. Havia naquela mesma terra pastores que, durante as vigílias da noite, guardavam os seus rebanhos. E eis que um anjo do Senhor lhes apareceu, e a glória de Deus os envolveu em respeito; e ficaram aterrorizados. Mas o anjo lhes disse: “Não tenham medo! Trago-lhes boas novas de grande alegria para todo o povo: hoje, na cidade de Davi, lhes nasceu o Salvador, que é Cristo, o Senhor. Isto lhes servirá de sinal: vocês encontrarão o menino envolto em panos e deitado numa manjedoura”. Subitamente, apareceu com o anjo uma grande multidão da milícia celestial, louvando a Deus e dizendo: “Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade!”

Antes de mais nada, a todos que leem ou ouvem este sermão, desejo um santo Natal.

Estamos na Missa da Véspera de Natal; e é importante que façamos uma pausa para refletir sobre os fervorosos desejos que tanto o Menino Jesus quanto a Virgem Maria tinham para o Natal.

Enquanto ainda no ventre puríssimo de Sua Mãe virginal, o Filho Encarnado de Deus ansiava por realizar nossa redenção e, consequentemente, nascer no mundo.

Contudo, apesar desse desejo, Ele não quis nascer antes dos nove meses, seja para estar em conformidade com todos, sem reivindicar qualquer dispensa, exceção ou privilégio para Si mesmo; seja porque usou esse tempo como um período de recolhimento antes de vir ao mundo.

A Virgem Maria também tinha um ardente desejo de ver seu Filho nascer e que chegasse a hora bendita de Seu nascimento. Isso para que pudesse adorá-Lo, servi-Lo e cumprir com Ele o papel de Mãe, em gratidão pela graça que Ele lhe concedera ao escolhê-la

para esse propósito, e também para que o mundo pudesse desfrutar do bem que ela possuía.

+++

Ora, o Verbo Encarnado, enquanto ainda no ventre de Sua Mãe, escolheu tornar Sua entrada no mundo dolorosa para Si mesmo, mas benéfica para nós, lançando os fundamentos da perfeição evangélica que viria a pregar.

E para isso, Ele deixou tudo o que o mundo ama e busca, e buscou tudo o que o mundo abomina e do que foge.

Ele deixou tudo, mostrando o quanto abomina os dons da carne e o quanto ama a pobreza, pois renunciou ao pouco que sua pobre Mãe possuía e, como peregrino, escolheu nascer em Belém, para que lhe faltasse tudo.

E a oportunidade que Cristo Nosso Senhor aproveitou para agir de acordo com sua resolução foi o édito de César Augusto, que ordenava o recenseamento do mundo inteiro, com cada pessoa indo para a cidade de sua origem.

Este édito foi fundado no orgulho, na ambição, na ostentação e na avareza, exigindo mais do que podia; como se tudo lhe pertencesse, desejando que todos se declarassem seus vassalos e lhe pagassem tributo, mesmo que fossem pobres e necessitados.

Mas, ao contrário, o Rei do Céu e da Terra, Jesus Cristo, tinha todos os seus pensamentos voltados para a humildade, a pobreza e a submissão, e para esmagar a pompa, as riquezas e as vaidades.

E, em confirmação disso, Ele quis que Sua Mãe, e Ele nela, professassem ser vassalos de Augusto César e lhe pagassem tributo, para que, por esse exemplo, pudessem confundir o orgulho e a ganância do mundo.

Assim, Cristo Nosso Senhor fez esta jornada para cumprir a vontade do Pai Eterno, que havia ordenado que Seu Filho nascesse em Belém da Judeia, embora Sua Providência tenha usado este édito do Imperador Augusto como meio para alcançar Seu propósito.

Consideremos também a jornada da Virgem Santíssima e as virtudes que ela praticou durante a viagem; como, por ser pobre, a estrada era longa e o inverno rigoroso, ela enfrentou muitas dificuldades; mas suportou todas com admirável paciência e alegria.

Ela viajou com grande humildade, com o coração fixo em Deus e no Filho que carregava em seu ventre, com quem conversava.

Se falava com São José, era sempre sobre Deus, e ela nunca se cansava, porque o Filho não era um fardo, e a esperança de vê-Lo nascer em breve a enchia de grande alegria.

A chegada da Sagrada Família a Belém coincidiu com uma multidão tão grande que não encontraram ninguém para lhes oferecer abrigo, nem havia lugar na hospedaria. Assim, foram obrigados a refugiar-se num humilde estábulo. A Divina Providência, portanto, fez com que o Filho de Deus viesse ao mundo mendigando e sofrendo, sem ninguém que se compadecesse de Sua situação.

E a razão pela qual Cristo não encontrou abrigo em Belém foi a ignorância daquelas pessoas. Pois, quando Deus bateu à porta delas, não O reconheceram, nem perceberam o bem que lhes teria advindo se O tivessem acolhido, dando preferência a outros hóspedes dos quais pouco ou nada receberam.

Consideremos a paciência com que a Virgem Maria e São José suportaram essa provação e abandono, e com que alegria suportaram o desprezo daqueles que os rejeitaram por serem pobres; e com que alegria se refugiaram no estábulo, abraçando o lugar mais desprezado da terra. Assim, uniram maravilhosamente a humildade e a pobreza à paciência e à alegria.

+++

Quando chegou o tempo do Seu Nascimento, assim como Ele não desejava apressar o Seu nascimento, tampouco o Verbo Encarnado quis adiá-lo, mas sim nascer pontualmente, após nove meses, para Se manifestar ao mundo com um profundo desejo de iniciar o Seu ministério com grande fervor e alegria de coração.

De fato, embora soubesse quão rigorosa seria a Sua vida, alegrou-se com fortaleza para iniciá-la, emergindo do ventre da Virgem e pisando no lugar mais vil e humilde da terra.

Enfatizemos que Jesus Cristo, Nosso Senhor, quis emergir do ventre de Sua Mãe de maneira milagrosa, sem que ela sofresse qualquer prejuízo à sua virgindade, pois não era apropriado que Ele deixasse a casa onde ela Lhe havia dado tão boa hospitalidade, prejudicando assim a sua integridade e honrando, dessa forma, Sua Mãe.

Além disso, Ele se mostrou generoso e magnífico para com ela. Como a Virgem acolhera seu Filho com fervor durante nove meses, quando Ele desejou deixar esta morada, ela o cobriu de abundantes graças, com uma profunda contemplação desse mistério e com alegrias extraordinárias, em vez das dores que as mulheres costumam sentir no parto.

Consideremos agora o que a Santíssima Virgem fez quando soube que chegara a hora do parto, refletindo sobre seus afetos, suas ações e suas palavras.

Retirando-se para um canto do estábulo, imersa em profunda contemplação, ela deu à luz seu Filho Unigênito e o tomou em seus braços.

Que alegria ela sentiu ao vê-lo pela primeira vez! Ela não se deteve na beleza do corpo, mas se voltou para a beleza da alma e da divindade...

Ela o abraçou e o beijou com amor, como seu Filho, e se humilhou e se retirou, sabendo que ele era Deus...

E é assim que Deus deseja ser tratado: com caridade e humildade, com amor e reverência.

Feito isso, a Santíssima Virgem Maria envolveu seu Filho nas faixas que havia preparado e o deitou em uma manjedoura, com humilde afeição, considerando-se indigna de tê-lo em seus braços. Ajoelhada, ela o adorou como seu Deus e Senhor.

Agradeceu-lhe pela graça que concedera à humanidade ao vir redimi-la e também por tê-la tomado como Mãe sem que ela merecesse tal reconhecimento. Ali, ofereceu-se para servi-lo com todo o seu corpo, alma e força, empregando-os inteiramente em seu serviço.

O Bom São José faria o mesmo, adorando o Menino, agradecendo-lhe pela graça que lhe demonstrara ao tomá-lo como Pai adotivo e oferecendo-se para servi-lo fielmente.

+++

Mas consideremos especialmente as palavras que este Menino dirigiu, não com a língua, mas com o espírito, ao seu Pai eterno.

Ele deu graças pela chegada daquela hora, oferecendo-Lhe com grande amor todas as provações que Ele sofreria no mundo, e repetindo o que o Apóstolo São Paulo escreveu: Ao entrar no mundo, disse: “Eis-me aqui, Senhor, vim para fazer a tua vontade”.

Mas Ele também falou aos homens, e Seu exemplo foi poderoso; dizendo daquela manjedoura o que mais tarde pregou: “Aprendei de Mim, porque sou manso e humilde de coração; e, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus; e aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus”.

Estas e outras palavras Ele pregou ali pelo exemplo; as quais devemos ouvir com grande devoção, suplicando-Lhe que abra os ouvidos de nossas almas para compreender esta linguagem e colocá-la em prática.

+++

Finalmente, contemplemos a grandeza daquele Menino divino colocado na manjedoura, considerando a dignidade de Sua Pessoa, as palavras que proferiu de Seu coração, as obras que realizou e as coisas que sofreu, por quem e como, e as virtudes heroicas que ali praticou.

Primeiramente, observemos a Pessoa daquele Menino, aquele Deus majestoso cuja morada é o Céu.

Comparemos o que Ele é como Deus com o que Ele tem lá como homem…; e isso com afeto, admiração e amor…
Seus servos são as hierarquias de Anjos, e Ele está no meio deles como imperador, a quem todos adoram e a quem reconhecem sua

vassalagem; e, por outro lado, Ele é colocado em uma humilde manjedoura entre dois animais.

E Aquele que é o Verbo e o Logos do Pai Eterno, por meio de quem Ele criou todas as coisas e as sustenta com Seu poder, é feito um bebê sem fala, com as mãos e os pés atados, incapaz de se mover.

E Aquele que está revestido da luz infinita da divindade, sendo o resplendor da glória de Seu Pai, e que veste Suas criaturas de beleza e as alimenta com Sua própria mão para preservar suas vidas, está vestido com pobres faixas e precisa ser nutrido com o leite de Sua Mãe.

Contemplemos com admiração as obras que Ele realiza; pois, sendo tão perfeito em juízo como aos trinta anos, realizou todas as obras de uma criança, não fingidas, mas verdadeira e genuinamente como outras crianças, com uma admirável harmonia para quem sabe discernir a união dessas duas coisas.

Consideremos, em particular, o choro do Menino e a causa de suas lágrimas… Ele chora, não tanto pela dor do que sofre como outras crianças, mas sim pelo que sofremos por causa de nossos pecados, chorando com amor por eles, e assim, com essas lágrimas, une-se interiormente às orações ao Pai Eterno, fazendo o que disse São Paulo, que nos dias de sua vida terrena ofereceu súplicas e orações a Deus com grande clamor e lágrimas.

E é razoável crer que a Virgem Maria também chorou ao ver seu Filho chorar, especialmente pelas razões pelas quais Ele chorava.

Consideremos os sofrimentos deste Menino: pobreza, desprezo, frio e dor, juntamente com outras dificuldades.

Tudo isso Ele suporta, não por necessidade ou força, mas de livre e espontânea vontade; pois Ele escolheu tudo o que sofre.

Ele escolheu nascer na época mais rigorosa do inverno, na hora mais fria da meia-noite, no estábulo mais miserável e desprezível de toda a cidade, com a maior pobreza, abandono e negligência imagináveis, e tudo isso revestido de tamanha humildade que, embora voluntária, parecia forçada e, consequentemente, ainda mais miserável e abatida.

E da manjedoura, como Ele mesmo disse no Salmo 88, tomou como companheiros inseparáveis a pobreza, o desprezo, a dor e o trabalho, e em todas essas coisas sofreu mil tipos de aflições, escolhendo esse modo de vida, contrário ao do mundo, para revelar com Seu exemplo os enganos e erros dos mundanos que O seguem; pois é evidente que o mundo erra ao escolher riquezas, honras e dons como seus companheiros, pois Cristo, sabedoria infinita, que não pode ser enganado nem nos enganar, escolhe Seus opostos.

São Bernardo resumiu isso magistralmente quando disse:

"Vejo no Natal um comprimento truncado,
uma largura encolhida,
uma altura diminuída,
e uma profundidade nivelada.
Vejo nele uma luz que não brilha,
uma palavra silenciosa,
uma água sedenta,
um pão faminto.
Se olharmos atentamente, descobriremos
um poder governado,
uma sabedoria que precisa de instrução,
uma força que precisa de apoio…
Em suma,
um Deus amamentando e que alimenta os Anjos,
uma criança que chora enquanto consola todos os desafortunados.
Aqui a alegria se encontra em meio à tristeza,
a confiança vacila,
a saúde sofre,
a vida morre,
a coragem é fraca…
E, no entanto, o que é ainda mais surpreendente,
a tristeza concede alegria,
a pobreza conforta,
a paixão salva,
a morte dá vida,
a doença concede força…"

Com essas considerações, devemos nos sentir perplexos diante dessa Criança, vendo como temos vivido em sentido contrário ao que ela representa.

Ele ensina, e propomos que o imitemos de agora em diante, escolhendo sofrer o que Ele sofreu, suplicando-Lhe que nos torne dignos de sofrer com Ele e como Ele, não por necessidade, mas por vontade e amor.